

XIX

O IMPÉRIO ALEMÃO E A UNIFICAÇÃO DA SOCIAL-DEMOCRACIA ALEMÃ

Embora Engels já morasse na Inglaterra havia mais de vinte anos, não se sentia em casa lá. Ele era alemão por natureza e por sentimento. Mas não tinha sentimentos de simpatia pela Alemanha unificada criada pela vitória sobre a França. Suas simpatias pan-germânicas lamentavam a separação da Áustria alemã e, como cidadão da Renânia, ele não gostava da mudança da predominância política para o leste da Alemanha. Mas seu maior desapontamento era com o fato de que a burguesia, tanto tempo depois de 1848, ainda não era a principal força do país; e ele desejava sinceramente a queda da monarquia militar, que apoiava todas as forças da autoridade e da contrarrevolução na Europa. Ainda assim, Engels não acreditava que ela seria derrubada pelo inevitável triunfo da ideia de direito (como acreditavam os democratas burgueses), nem pelos instintos revolucionários dos camponeses ou pelo desespero dos estudantes sem carreira (como acreditava Bakunin). Suas esperanças se baseavam no desenvolvimento progressivo das forças produtivas – um desenvolvimento que nem Bismarck era suficientemente forte para deter. Assim, via o novo Império simplesmente como um fenômeno histórico como outro qualquer, que era tarefa do proletariado autoconsciente suprimir. Ele não subestimava o fantástico equipamento militar do Império – ao contrário, considerava impossível que qualquer coalizão de seus inimigos o superasse no futuro próximo. Por isso, esperava com maior confiança seu colapso sob a consciência de classe em constante desenvolvimento dos trabalhadores que compunham suas forças de combate.

Engels era o mais importante pensador político alemão vivendo no exterior durante o período de Bismarck. Por meio de sua concepção econômica da história, ele era capaz de olhar através dos fenômenos políticos da Alemanha e ver os fatos econômicos e sociais mais importantes abaixo deles. Engels acreditava (apesar de muitas diferenças) se tratar do mesmo Império que terminara tão

ingloriamente na França, agora transplantado para a terra de seu conquistador. As eleições alemãs foram conduzidas com base no sufrágio universal, mas a polícia era todo-poderosa. O povo não tinha voz na condução do país; tudo era feito pelo imperador, com o aconselhamento do chanceler e do Estado-Maior. Mas, de acordo com a teoria exposta no *Manifesto comunista*, o proletariado não podia esperar tomar o poder até que a burguesia tivesse garantido sua supremacia política e criado uma democracia e uma república. Embora a inclusão do sul da Alemanha no Império tivesse dado uma maioria numérica às seções da população que tinham se afastado do feudalismo *junker* havia muito tempo, ainda era improvável que qualquer frente democrática unida fosse construída em um futuro próximo. Em janeiro de 1873, Engels publicou no *Volksstaat* de Liebknecht uma comparação entre a antiga monarquia prussiana e a nova monarquia “bonapartista”, que, segundo ele, estava surgindo rapidamente. O princípio básico da primeira, conforme ele apontou, tinha sido o equilíbrio de poder entre a burguesia e a aristocracia proprietária de terras; já o desta última, era o equilíbrio entre burguesia e proletariado. Em ambas, o poder real estava nas mãos de uma casta especial de oficiais e burocratas que pareciam superiores ao resto do povo e independentes dele, de modo que o próprio Estado parecia independente do povo. As contradições desse sistema social estavam fadadas a levar a um constitucionalismo simulado.

Por mais que Engels odiasse a classe dos *junkers*, não podia negar que eles estavam ansiosos para governar; e lamentou a ausência de tal ansiedade na burguesia alemã, que tinha comprado sua emancipação social do governo à custa do sacrifício imediato de sua reivindicação ao poder político. No entanto, os burgueses justificavam sua posição pela indústria e pelo comércio e, portanto (conforme ele acreditava), suas reivindicações teriam que ser atendidas mesmo que mil Bismarcks as recusassem. Ele observou com muita satisfação a surpreendente explosão da expansão industrial que se seguiu à unificação da Alemanha. Em 1874, escreveu:

Finalmente criamos um comércio mundial para nós, indústrias realmente grandes e uma burguesia realmente moderna. Consequentemente, também tivemos uma crise real e agora temos um proletariado realmente poderoso. O historiador do futuro considerará os trovões das batalhas de Spicheren, Mars-la-Tour e Sedan, com tudo o que delas dependia, eventos muito menos importantes na história da Alemanha entre 1869 e 1874 do que o desenvolvimento silencioso, modesto, mas ininterrupto do proletariado alemão.

Durante as décadas de 1870 e 1880, Engels não admitiria que a Alemanha tinha indústrias de grande escala, a não ser a siderurgia. Mesmo em 1884, afirmou que as indústrias alemãs (“apesar de finalmente serem de grande escala”) produziam

apenas artigos “que eram muito insignificantes para os ingleses e muito vulgares para os franceses”.

Engels e Marx deixaram de ver importância em preservar sua neutralidade em relação às duas facções em guerra no movimento socialista alemão⁸⁷, pois Liebknecht rompeu sua aliança com a democracia burguesa e uniu-se a Bebel e vários distintos ex-discípulos de Lassalle na fundação do que os dois amigos consideraram um verdadeiro partido *de classe* – embora certos pontos da teoria no programa de Eisenach não os satisfizessem completamente. Engels, que detestava o espírito ditatorial da Associação Geral, considerava sua destruição e a eliminação dos ideais de Lassalle a missão mais importante que ele tinha na política alemã. Mas esses objetivos estavam fora de seu alcance, uma vez que a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães comandava uma organização mais eficiente, um número maior de membros, finanças mais fortes e uma imprensa mais influente do que o Partido Socialista dos Trabalhadores. Após a guerra, Schweitzer aposentara-se da política. Esse fato, assim como a fundação do Império e a necessidade de cooperação frequente no trabalho eleitoral e no Reichstag, contribuíram muito para facilitar as relações entre as duas facções. A necessidade de reconciliação tornou-se urgente no início de 1874, quando Bismarck alinhou os tribunais, a polícia e os legisladores em um ataque feroz a ambos os partidos social-democratas. Mas, toda vez que uma ponte entre eles era construída, ela logo era varrida pelo fluxo de ódio e desconfiança que crescia e se acumulava durante anos. Engels e Marx eram contra qualquer fusão enquanto o socialismo com o qual as massas estivessem familiarizadas fosse baseado nos panfletos de Lassalle – isto é, enquanto previssem que o partido unificado seria governado pelos princípios de Lassalle em vez dos deles. Engels opunha-se em particular a qualquer compromisso que deixasse espaço para uma cooperação com o Estado existente, como Lassalle e Schweitzer tinham tentado. Esforçou-se, portanto, em nome de Marx, para convencer Bebel e Liebknecht a não dar “atenção demais aos concorrentes”. Mas, como sabemos, Liebknecht alegava ter mais experiência prática do que Engels, que, segundo ele, subestimava a diferença entre “um partido puramente teórico e um partido militante”.

Tornou-se absolutamente necessário que os dois partidos negociassem uma aliança quando, em junho de 1874, a Associação de Lassalle foi dissolvida pela polícia. Engels e Marx queriam que o Partido Socialista dos Trabalhadores esperasse alguns meses, até que a “multidão desorganizada” de lassallianos procurasse refúgio nele. Não queriam que os líderes partidários alemães pensassem que eles eram simples doutrinários, tentando impedir um passo prático necessário a fim de satisfazer escrúpulos teóricos. No entanto, eles atribuíam muito mais importância do que seus colegas práticos à forma que o programa do novo partido assumiria. Liebknecht sabia que a fusão era impossível sem concessões às antigas

demandações políticas de Lassalle; ele temia as objeções de Marx e Engels, e por isso não lhes disse nada sobre os detalhes das negociações nos meses seguintes. Bebel ainda estava na prisão, de modo que Liebknecht tinha as rédeas em suas mãos. Apenas no início de março de 1875, Engels e Marx receberam o esboço do programa que os negociadores de ambos os lados pretendiam apresentar na reunião em Gotha, onde a fusão deveria ser ratificada. Ambos ficaram absolutamente horrorizados.

O programa proposto lhes pareceu uma “prostraçāo sem igual do grande proletariado socialista diante da imagem de Lassalle”. Eles esperavam que Bebel (que estava prestes a ser libertado) se opusesse a ele, e, por isso, enviaram-lhe os argumentos teóricos contra o programa em uma carta escrita por Engels em 8 de março. Seu conteúdo e seu ponto de vista eram os mesmos dos “Comentários críticos” que Marx enviou no dia 5 de maio aos líderes do Partido Socialista dos Trabalhadores⁸⁸.

Nesse “programa frrouxo e insípido”, como o chamou, Engels reclamou da “historicamente falsa palavra de ordem lassalliana” sobre “uma massa reacionária, composta por todas as classes não proletárias em oposição ao proletariado”. Ele disse que isso era verdade apenas em certos casos excepcionais – por exemplo, em um país onde a burguesia tinha formado o Estado e a sociedade à sua própria imagem e também onde a democracia pequeno-burguesa levou essa transformação às suas últimas consequências. Em seguida, Engels criticou o programa por negar que o princípio do internacionalismo do movimento operário fosse imediatamente aplicável, por não mencionar os sindicatos e por mencionar o plano lassalliano de assistência pública como o único ponto de partida para resolver o problema social. Essas grandes concessões ao partido de Lassalle, declarou, eram equilibradas apenas por uma série de demandas puramente democráticas, algumas das quais poderiam muito bem compor qualquer plataforma liberal burguesa. Fora da Alemanha, disse Engels, ele e Marx eram responsabilizados pelas palavras e atos do Partido Socialista dos Trabalhadores Alemães. Mas, se um programa desse tipo fosse adotado, Marx e ele não poderiam pertencer a nenhum novo partido baseado em tais princípios.

Bebel recebeu a carta de Engels? Pelo menos, ele não respondeu. E hoje sabemos que Liebknecht não enviou a ele os “Comentários críticos” de Marx.

Na verdade, Liebknecht não enviou uma resposta à violenta crítica até que um mês tivesse se passado. Não tentou defender as falhas, mas explicou que ele e seus amigos concordaram com o programa porque o partido de Lassalle os enfrentara com duas alternativas: aceitá-lo ou interromper as negociações. Ele garantiu a Engels, um pouco prematuramente, que a unificação dos partidos significaria não apenas a morte das ideias de Lassalle, mas a vitória completa do comunismo marxista sobre o sectarismo lassalliano, e disse estar pronto para

fazer mais concessões a fim de garantir essa vitória. Após sua libertação, Bebel foi forçado à convicção de que as massas, que clamavam por uma aliança, tinham avançado demais nas negociações para permitir que alguém levantasse maiores dificuldades em relação ao programa, pelo menos se esse alguém pretendesse obter audiência.

Engels e Marx sofreram uma dupla decepção. A oposição que tentaram promover entre os líderes do partido tinha fracassado; e suas próprias críticas (da qual poucos tomaram conhecimento) foram bastante negligenciadas pelo congresso. Sentiram sua derrota de maneira particularmente aguda, uma vez que tinham acabado de perder o controle da Internacional. E agora ameaçavam cortar todas as conexões com seus aliados alemães – apenas para descobrir que, sob a pressão das circunstâncias, esses aliados os deixariam cumprir tais ameaças! A prática se mostrara mais forte que a teoria. Liebknecht impusera com sucesso seus desejos em um assunto importante, embora fosse muito fiel a eles e, consciente de sua própria inadequação em termos de teoria, tivesse um respeito absoluto por sua superioridade nessa esfera. Com o passar do tempo, Engels começou a depositar mais confiança implícita em Bebel do que nele. Bebel era um homem de negócios treinado; era preciso, não um falastrão como o inquieto jornalista Liebknecht. Engels o considerava cada vez mais indispensável como correspondente no partido dos trabalhadores alemão. Bom orador e grande organizador, ele era mais um proletário por origem e instinto do que o outro; e também um crítico mais afiado dos intelectuais que se introduziram no partido. Embora seu otimismo o levasse a esperar um progresso demasiado rápido em situações políticas concretas, Engels via nele um julgamento sóbrio. Na esfera da teoria, à época do Congresso de Gotha ainda tinha muito a aprender, e desapontou Engels com frequência antes que este conseguisse transformá-lo em um discípulo sólido.

Conforme ficou claro que o movimento da classe trabalhadora tinha aumentado seu poder de recrutamento a partir da nova frente unificada, Engels tornou-se mais disposto a aceitá-la como um “experimento educacional”. Mas Liebknecht antecipara de modo magnífico o processo real de desenvolvimento quando declarou que a eliminação da organização de Lassalle significaria a vitória final do comunismo marxista. De fato, quase nenhuma pessoa influente no partido (muito menos a massa de seus membros comuns) entendia a base da teoria de Marx e Engels ou as deduções políticas extraídas dela. Os líderes não tinham tempo de mergulhar em um livro como *O capital*. No máximo, conheciam o *Manifesto comunista* e percebiam que ele desenvolvia a teoria do conflito de classes mais profundamente do que o *Programa dos Trabalhadores* de Lassalle, que era a introdução usual à educação socialista na Alemanha da época. A maioria dos membros do partido acreditava em um socialismo do senso comum, que

enfatizava muito mais o fim político a ser alcançado do que a causalidade econômica. Até então, não existia uma apresentação simples da concepção materialista da história; ninguém comprehendia a doutrina marxista como um todo conectado. Falava-se com muito respeito de Marx e Engels, mas seus pontos de vista, como eram entendidos, foram frequentemente criticados por apelarem mais à cabeça dos trabalhadores do que ao seu coração. Mesmo no domínio do conflito de classes, o sentimento alemão teria que ser satisfeito. Novamente, Engels desprezou “as imagens utópicas da sociedade futura”. Mas Marx e ele viram o quanto essas fantasias eram populares quando o livro de Bebel, *A mulher e o socialismo*, encontrou um mercado mais entusiasmado do que qualquer um de seus trabalhos⁸⁹.

Durante as negociações da aliança, um jovem de Berlim, chamado Eduard Bernstein, apareceu pela primeira vez. Era funcionário de um banco e filho de um maquinista judeu. Conhecia os pontos de vista de Marx e Engels apenas de ouvir falar, mas estava impressionado com o fato de, diante da queda no esquecimento das ideias de Lassalle, os líderes políticos não terem encontrado um substituto teórico. Nessa época, ele tinha uma grande admiração pelo trabalho do filósofo positivista Eugen Dühring, o auxiliar de ensino cego da Universidade de Berlim. Portanto, tentou preencher esse vazio exaltando os livros de Dühring, que ele mesmo enviou aos dois agitadores mais poderosos do Partido Social-Democrata, Bebel e Most, que estavam ambos presos à época.

Sob um aspecto, Dühring tinha uma ligeira semelhança com Marx e Engels. Ele diferia da maioria dos professores alemães ao tentar relacionar a ciência política aos problemas reais da sociedade. Mas, em outros sentidos, Marx e Engels eram polos opostos a sua “Filosofia da Realidade”, que era na verdade um positivismo otimista de matriz estadunidense. Sua *História crítica da economia política* não tinha nada de bom a dizer sobre *O capital*. Ele descreveu Marx como uma “ridícula figura científica” no tom de arrogância grosseira que usava contra Helmholtz e outros que imaginava serem seus rivais. Suas próprias ideias econômicas eram tomadas de empréstimo do estadunidense Henry Charles Carey. Ao comunismo dialético de Marx, ele opunha seu próprio socialismo “anticrático”, cujas sólidas propostas práticas se adequavam à mentalidade dos políticos e agitadores que assistiam a suas palestras. Eles ficavam encantados com o fato de Dühring negar que o processo econômico fosse governado por leis imutáveis e por ele reservar grande margem para a ação individual. Ficavam extasiados quando ele falava em suas palestras sobre o problema dos trabalhadores como o problema do século, e – com desprezo contra todos os que diferiam dele – exigia a completa reconstrução da indústria de acordo com sua própria receita “socialitária”. Dühring conquistava os sentimentos deles. Simpatia, por conta de sua enfermidade física; confiança, por sua adesão determinada aos

objetivos socialistas; e respeito, por seus ataques maliciosos a grandes acadêmicos e cientistas.

Nem Bernstein nem os intelectuais socialistas que (em número cada vez maior) foram atraídos por Dühring percebiam que admirá-lo significava opor-se a Marx. “Se o conteúdo for bom”, escreveu Bebel a Bernstein, “não me interessa o método.” E Most, com sinceridade ainda maior, reclamou que eles “tinham que pegar o melhor” onde quer que o encontrassem. Na prisão, Bebel escreveu um artigo (publicado no *Volksstaat* sem sua assinatura) cheio de admiração pelo “novo comunista”. Em uma carta ao editor, Engels atacou esse artigo como “adulação” a Dühring. Ele ficou furioso ao descobrir, mais tarde, que fora Bebel quem chamou o *Curso de economia política e social* de o melhor trabalho moderno sobre economia depois de *O capital* de Marx! A princípio, nem mesmo Liebknecht desconfiou de Dühring. “Vocês têm alguma razão para supor que ele é um canalha ou um inimigo disfarçado?”, perguntou a Engels em 13 de junho de 1874. Mas sua tolerância cedeu quando se convenceu pessoalmente de que Dühring era um megalomaníaco, e ao saber que a segunda edição de sua *História crítica da economia política* repetia todas as suas “bobagens invejosas” contra Marx. Ele imediatamente pediu a Engels que escrevesse uma “dura reprimenda” e acrescentou que o homem caíra nas graças de muitos membros do partido, especialmente em Berlim. Durante 1875, ele repetiu suas tentativas de fazer Engels dedicar-se a Dühring. Engels e Marx não estavam dispostos a interromper seus estudos, mas começaram a prestar atenção quando Liebknecht lhes enviou cartas de trabalhadores alemães que provavam que o “perigo de uma campanha para diluir o programa” (como Marx agora o chamava) realmente ameaçava o partido. Finalmente se decidiram quando, em maio de 1876, receberam de Liebknecht um artigo manuscrito exaltando as realizações filosóficas de Dühring e sua luta pela causa do conhecimento. Most tinha enviado tal artigo ao *Vorwärts*, mas Liebknecht recusou-se a publicá-lo. Quando foi acusado (no congresso do partido em agosto) de conspirar para silenciar Dühring, ele respondeu que já tinha contratado Engels para escrever um artigo sobre ele.

Engels acreditava firmemente que não apenas Marx, mas ele próprio, eram obrigados pelo interesse do movimento a realizar determinados estudos científicos, e que o tempo sem intercorrências em que viviam deveria ser usado para completá-los. Mas, logo que leu a glorificação de Dühring por Most, concordou com Marx que medidas imediatas e impiedosas tinham que ser tomadas contra esse “produtor de confusões”. Não se podia mais introduzir confusão na mente dos líderes do partido, ou então seria necessário esperar por ainda mais tempo até que a classe trabalhadora alemã se acostumasse com o ponto de vista de Marx e Engels. Marx não podia interromper seu trabalho em *O capital*, isso era certo. Mas Engels também estava relutante em se afastar de seus estudos para

realizar o que ele considerava, a princípio, uma tarefa ingrata. Não suspeitava que estava prestes a dar o golpe decisivo para a conversão da social-democracia continental ao marxismo.

O título de seu livro era *A revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*⁹⁰ – uma alusão a *A revolução da economia segundo Carey*, do próprio Dühring. Foi o primeiro livro a revelar o conteúdo e o ponto de vista do marxismo aos líderes da social-democracia alemã. E mais, ele ganhou milhares e milhares de trabalhadores, na verdade gerações inteiras, para o marxismo. Nele, pela primeira vez, a verdadeira posição de Marx e Engels foi revelada às mentes mais claras da geração mais jovem de sociais-democratas – Bebel, Bernstein, Kautsky, Plekhanov, Axelrod, Victor Adler, Labriola, Turati –, homens que fizeram o máximo para divulgar as doutrinas marxistas entre o proletariado do continente. Agora, pela primeira vez, uma verdadeira escola marxista, uma verdadeira tradição marxista, era criada no continente. Hoje, as longas polêmicas contra um autor que praticamente ninguém lê podem parecer tediosas. Mas o livro apresentou ao público da década de 1870 um sistema difícil e até então ininteligível em linguagem lúcida e simples. Foi aí que outras pessoas começaram a entender como Marx e Engels interpretavam o curso da história e os problemas de seus dias, e quais inferências políticas extraíam de sua interpretação. O livro foi imediatamente proibido na Alemanha⁹¹. Portanto, sua influência não foi totalmente sentida até que a introdução e o capítulo final sobre o socialismo fossem impressos na Suíça como um panfleto – muito revisado e simplificado, omitindo a maior parte da polêmica. Ao lado do *Manifesto*, *Do socialismo utópico ao socialismo científico* é o produto mais provocador da oficina de Marx e Engels. Foi logo traduzido para quase todas as línguas europeias e, em todos os lugares, abriu caminho para a aceitação de sua concepção econômica e dialética da história e para a política revolucionária que era sua consequência.

No prefácio de *Anti-Dühring*, Engels verbalizou sua tristeza pelo fato de a Alemanha ter conquistado seu império e a prosperidade industrial à custa de sua preeminência intelectual. A vida espiritual do país fora destruída, e Dühring era apenas um exemplo típico da nova “pseudociência” vulgar. Engels foi um dos primeiros a observar como a riqueza material trouxera consigo o empobrecimento espiritual da burguesia. A tentativa de Dühring de transformar o socialismo alemão em um “absurdo superior” estava fadada a se romper diante da solidez essencial do trabalhador alemão. Dez anos depois, o mesmo pensamento se repete em seu *Feuerbach*⁹². “Somente entre os trabalhadores ainda encontramos a tradição alemã de integridade científica. Pois ninguém se preocupa com sua carreira, com lucros ou com patrocínio. Pelo contrário, quanto mais livremente a ciência se desenvolve, mais ela se harmoniza com os interesses e objetivos dos trabalhadores. [...] O manto da filosofia clássica alemã recaiu sobre o movimento operário alemão.”